



A produção de azulejos segundo a perspectiva da ceramista Maria Emília Silva Araújo: o fazer artístico na produção azulejar sob influência modernista

Camila Mortari

Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa

LIBhysUNL – Laboratory for Instrumentation, Biomedical Engineering and Radiation Physics of the New University of Lisbon
kamymortari@gmail.com

Palavras-chave:

Ceramista, Produção Artística, Período Modernista, Maria Emília Silva Araújo

Resumo:

O período modernista é caracterizado pela sua inovação e rupturas estéticas. Em Portugal, no campo das artes, esta mudança de paradigma começou a ser evidenciada com a geração de *Orpheu*. No entanto, no que diz respeito aos revestimentos cerâmicos arquitectónicos, estas mudanças são observadas mais tarde, em meados do século XX (Burlamaqui, 1996). Vários artistas são reconhecidos como referências para este período, influenciando gerações.

De acordo com Trancoso (2007), Maria Emília Silva Araújo é uma ceramista portuguesa que pode ser inserida em uma terceira geração de artistas modernistas. Nascida em 1940, em Matosinhos, frequentou o curso de cerâmica na Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis, no Porto. Mudou-se para Lisboa para estudar na Escola António Arroio, onde foi aluna de Querubim Lapa. Iniciou os seus trabalhos como ceramista na Fábrica Viúva Lamego no ano de 1959. Ao princípio actuou como auxiliar de Querubim Lapa e, após a encomenda do mural para o Centro Comercial Caleidoscópio, em 1970, assumiu o seu próprio *atelier* sediado na Fábrica Viúva Lamego, local que a acolhe até hoje.

O auge do seu período produtivo corresponde aos anos em que trabalhou nesta fábrica, ao lado de grandes ceramistas como Querubim Lapa, Jorge Barradas, Artur José, Manuela Madureira, Cecília Alves de Sousa e João Segurado. Em 1975 Maria Emília mudou-se para o Brasil, onde viveu até 1980. Embora tenha regressado para Portugal, não permaneceu por muito tempo no seu país natal pois, em 1983, foi viver para os Estados Unidos da América.

Nunca deixou de desenhar e pintar, já que, para a artista, estas são actividades essenciais. Mas este grande intervalo de tempo fora de Portugal representa um hiato na sua produção cerâmica. As suas obras consideradas de maior relevância são o painel em placas cerâmicas relevadas fixado no exterior do Centro Comercial *Caleidoscópico*, no jardim do Campo Grande, em Lisboa, produzido em 1970; o painel de azulejos do *Centro de Capacitação Profissional* do Porto, produzido em 1971; e o painel de azulejo do *Centro de Capacitação Profissional* do Seixal, produzido em 1972. Após um longo período sem realizar trabalhos em cerâmica de revestimento, em 2000, Maria Emília volta à produção e concebe o painel de azulejos com relevo central, executado em placas cerâmicas, para o Aeroporto Internacional Tom Jobim/Galeão no Rio de Janeiro.

E como cria Maria Emília? A produção cerâmica da artista não é temporalmente contínua. No entanto, as características de seu trabalho são lineares. Embora alguns factores de execução técnica se tenham adaptado com o passar dos anos (como é o caso dos pigmentos e vidros utilizados na policromia dos azulejos e placas cerâmicas), o modo de concepção dos seus projectos – o planeamento através de esboços e maquetes – e a execução destas peças continuam muito semelhantes ao do seu período inicial de produção, o que faz de Maria Emília uma fonte valiosa de informação para se compreender as características da produção artística do período modernista.

Pretende-se com esta comunicação, evidenciar e relatar as técnicas de concepção e produção de cerâmica moderna, utilizadas pela ceramista Maria Emília Silva Araújo, bem como destacar as similaridades ou as diferenças que a artista hoje emprega na produção das suas obras contemporâneas. Este trabalho resulta de uma pesquisa qualitativa que teve a entrevista com a autora e a observação de seu fazer artístico, como principais fontes de recolha de informação. Espera-se que o conhecimento aqui construído possa contribuir para elucidar um período tão fértil e diverso na produção da cerâmica modernista em Portugal, sobretudo entre os anos de 1960 a 1980.

Referências citadas no texto

- Burlamaqui, Suraya. 1996. *Cerâmica Mural Portuguesa Contemporânea: Azulejos, Placas e Relevos*. Lisboa: Quetzal Editores.
- Trancoso, T. M. 2007. «MARIUJO - Ceramista e Pintora». Dissertação de Mestrado em Artes Decorativas e Faiança Portuguesa, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.

Camila Mortari

Realiza, actualmente, o seu doutoramento na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Concluiu o mestrado em Ciências da Conservação, Restauro e Produção de Arte Contemporânea, em 2016, na mesma instituição, apresentando a dissertação intitulada: *Caracterização material dos suportes e adesivos de painéis de azulejo do Museu Nacional do Azulejo para a sua intervenção de conservação e restauro*. Licenciou-se em Ciências da Arte e do Património pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Realizou seu estágio curricular no Museu Nacional do Azulejo, onde permanece como voluntária. Desenvolve actividades de investigação sobre o património cultural material, estando associada ao LIBhysUNL – *Laboratory for Instrumentation, Biomedical Engineering and Radiation Physics of the New University of Lisbon*. Foi membro colaborador do Centro de Física Atómica da Universidade de Lisboa entre o período que se estendeu desde Fevereiro de 2013 até Fevereiro de 2014, e ainda Investigadora bolsreira no projecto: “Despertar dos Forais Manuelinos: A Obra-Prima Vista à Luz da Ciência e Tecnologia” (PTDC/EAT-EAT/112662/2009).